

ZONA RURAL

Pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde e pela Universidade de Brasília mostra que 32% dos assentamentos de 23 estados brasileiros não têm postos de atendimento. Alguns agricultores perdem plantação porque viajam para se tratar

Perto da terra,
longe do médico

Ullisses Campbell
Da equipe do **Correio**

Todas as vezes que a camponesa Maria Praxedes da Cruz, 58 anos, precisa ir ao médico, ela tem que acordar às quatro da madrugada. Às cinco e meia, a senhora está no ponto de ônibus. Às sete, na porta do posto de saúde. Mas a consulta é marcada para três meses depois. É nesse universo de descaso que 67 famílias do Assentamento Mãe das Conquistas vivem no município de Buritis, noroeste de Minas Gerais.

Maria Praxedes sente dores nos braços e nas pernas. Não tem condições de se abaixar para pegar um objeto do chão. A visita no médico está marcada para o dia cinco de maio. Ela entrou no Movimento dos Sem Terra (MST) em maio de 1998 e ganhou um lote do governo no final do ano passado. Hoje, não consegue plantar. O máximo de proveito que tira da terra é criando galinhas, patos, ovelhas e gado.

A precariedade em que estão mergulhados os assentados do MST foi alvo de uma pesquisa ampla feita pelo Ministério da Saúde e Universidade de Brasília (UnB). Os pesquisadores entrevistaram 3.687 famílias de 139 assentamentos de 23 estados. O resultado revela que 56,8% dos assentamentos possuem postos de saúde por perto. Trinta e dois por cento não contam com qualquer serviço de assistência. O atendimento ginecológico, por exemplo, só está disponível em 25% dos assentamentos com postos próximos.

No assentamento Buritis, os trabalhadores rurais rezam para não adoecer. Muitas vezes, ter um filho doente em casa significa ter prejuízo na lavoura. Foi o que ocorreu com o agricultor Rosival da Silva Dias, 26 anos. Dono de um lote de 40 hectares, ele estava prestes a colher uma safra de arroz. No início do mês, o filho Roger Tauan, 2 anos, contraiu uma pneumonia e teve que ficar internado no município de Buritis por 15 dias. Sem tempo de administrar a plantação e a doença do filho, perdeu tudo.

SEM ATENDIMENTO

139 ASSENTAMENTOS FORAM PESQUISADOS; DESSES

78 NÃO TÊM POSTOS DE SAÚDE NAS REDONDEZAS



MARIA PRAXEDES ESTÁ COM CONSULTA MARCADA APENAS PARA MAIO. ATÉ LÁ, NÃO TEM COMO TRABALHAR PORQUE SENTE MUITA DOR NAS PERNAS E BRAÇOS

Um rebanho de gado invadiu e comeu o arroz. “O problema é que não há atendimento perto do assentamento nem transporte regular”, reclama o agricultor.

A falta de transporte para os assentados de Mãe das Conquistas chega a ser humilhante. Uma estrada de terra com 20 quilômetros separa os lotes do município de Buritis. Os assentados ficam ao longo da rua implorando carona. Foi nessas condições que Rosival conseguiu ajuda para levar o filho ao médico. Ônibus para o assenta-

mento é raro. Há apenas um coletivo que chega às cinco da manhã e volta imediatamente. O seguinte passa às 19 horas. Quem perder a hora passa a depender da caridade alheia para se locomover.

ARREPENDIMENTO

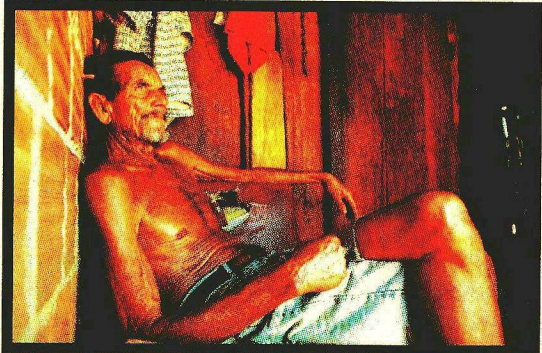
O agricultor José Raimundo da Silva, 67 anos, nasceu em Morada Nova (MG) e resolveu entrar no MST depois de consultar a mulher, Alaíde Pereira da Silva, 66 anos. Com o consentimento da companheira,

mudou de cidade e entrou no movimento. Ambos têm um lote em Mãe das Conquistas. Mas o veterano agricultor não esconde o arrependimento. “Estou doente do coração. Aqui não tem atendimento médico. O governo me deu terra, mas esqueceu de infraestrutura. É o mesmo do que nada”, diz.

Alaíde precisa ir ao médico todas as semanas. Mas há um mês desistiu de tentar curar uma complicação nos ossos e um diabetes. “Não há médicos no assentamento e nem transporte

para nos levar ao município de Buritis. As vezes que consegui levar meu marido ao hospital tive que mendigar carona do leiteiro”, conta. O casal planta arroz, milho, cana-de-açúcar e mandioca, além de criar 25 cabeças de gado. Na última vez que os dois conseguiram chegar a um hospital, a saúde de ambos estava tão debilitada que o médico que fez o atendimento os internou imediatamente. A plantação ficou abandonada durante as duas semanas em que ficaram no hospital.

Fotos: Carlos Vieira



JOSÉ, DOENTE DO CORAÇÃO, PRECISOU SE INTERNAR POR DUAS SEMANAS

Tratamento em Brasília

A agricultora Adriana Fernandes, 33 anos, conseguiu um lote em Mãe das Conquistas, mas, desde que contraiu o vírus HIV, a terra passou a não ter mais sentido para ela. A dificuldade que enfrenta para conseguir atendimento médico é tão grande que a ex-sem-terra passa mais tempo fora do que dentro do lote trabalhando.

Adriana foi contaminada pelo marido e espera um bebê. “Tenho que tomar 12 comprimidos por dia para sobreviver e para evitar que meu filho venha ao mundo contaminado”, diz. A última plantação que o casal cultivou se perdeu toda.

O tratamento para Aids e o pré-natal de Adriana são feitos em Brasília. O que mais ela reclama é a falta de transporte e de atendimento médico. “Vocês precisam ver o desespero que é quando um assentado precisa de atendimento de emergência. Não há ônibus e a pessoa só falta morrer de tanto esperar.”

Acreditando que haveria médico no assentamento, o MST construiu um posto de saúde em Mãe das Conquistas. O local chegou a ser abastecido com remédios. Mas, sem médico para receitá-los, todo estoque se estragou. Com a perda, o posto foi transformado em escola.

Como o pessoal que faz transporte clandestino já descobriu a deficiência de deslocamento no assentamento, uma frota de carros fica esperando os agricultores entrarem em desespero. Para levar duas pessoas do assentamento até Buritis, os motoristas cobram R\$ 30. “A gente só paga quando a pessoa está quase morrendo e o transporte passa a ser uma questão de sobrevivência”, diz a militante do MST Abigail Rodrigues.

No ano passado, o assentamento Mãe das Conquistas foi o que mais produziu arroz no noroeste de Minas. A safra foi de 2 mil sacas. Uma produção ótima, mas a duras penas. (UC)

SEM PROTEÇÃO		
Conheça os motivos pelos quais os homens e mulheres não usam camisinha		
RAZÃO	HOMEM	MULHER
Não gosta de usar	36,7%	31,8%
Não tem para comprar	18,1%	18,9%
É muito cara	17,2%	17,3%
Tira o prazer	42,3%	34%
O parceiro não gosta	30,1%	33,5%
Não precisa/confia no parceiro	64,8%	64,2%
A religião não permite	21,7%	21%
Não sabe usar	26%	26,2%
Tem vergonha de pedir	17%	20,6%
Não acredita que protege contra Aids	40,3%	38,6%

Água contaminada

O rio que banha o município de Buritis chama-se Urucuia. Como a cidade mineira não tem esgoto nem tratamento de água pluvial, todos os dejetos são despejados nesse rio. A água contaminada desce a floresta e vai abastecer o assentamento. Um outro rio que banha os lotes vem da serra dos Confins. A água desce contaminada de agrotóxicos por conta de uma plantação de soja na serra.

Segundo a secretária de Saú-

de de Buritis, Iolanda Freitas Soares, o assentamento não tem médico nem participa do Programa Saúde da Família porque não há pacientes suficientes para entrar no programa. “A gente manda um médico por mês lá, mas eles não têm estrutura para trabalhar”, diz a secretária.

Patrícia Queiróz, que coordenou a pesquisa, disse que a saúde dos assentados vai mal por falta de saneamento básico e de atendimento médico. (UC)